

PRIMEIRA PESSOA

Domingo, 16 de junho de 1996. O Chicago Bulls, do astro Michael Jordan, entrava em quadra para encarar o Seattle Supersonics. Após três títulos seguidos na mesma década (1991, 1992, 1993), aquela viria a ser a quarta conquista na NBA. De 87 pontos vitoriosos, Air Jordan marcou 22.

O gosto da vitória teve um sabor diferente. Ao final da partida, o jogador deitou no chão agarrado à bola e chorou. Inconsolavelmente. Aquele domingo era Dia dos Pais, e Jordan perdera o seu anos antes, em 1993, assassinado por dois adolescentes que roubaram seu carro. Era a primeira vitória sem James R. Jordan.

Dorrit Harazim acompanhou tudo de muito perto. “Uma pantera de 1,98 metro de altura e 95 quilos avança para cima do adversário. A língua à mostra revela seu apetite voraz. Com a bola que quica como se fosse um obediente ioiô, ele vai deixando para trás um, dois, três adversários. E então chega o momento de dar o bote.” Porém, ao apreciar o perfil de Jordan escrito pela jornalista para a revista *Veja*, o leitor sequer imagina que ela quase foi expulsa do local. As regras para cobrir o evento eram rigorosas e a primeira não deixava margem para dúvidas: a

A JORNALISTA DORRIT HARAZIM FOI TESTEMUNHA DE ACONTECIMENTOS HISTÓRICOS DO MUNDO, MAS NUNCA SENDO MAIS DO QUE A NOTÍCIA

POR GABRIELA FERIGATO
SUBEDITORA DE REVISTA

POR VANESSA GONÇALVES
SUBEDITORA DE PORTAL

imprensa não podia pedir autógrafa. Fora de cogitação. Caso contrário, adeus à credencial.

Algo falou mais alto. Jordan era o ídolo de Clara, filha da repórter. Fim de jogo e um batalhão de jornalistas cercou o astro. Com seu caderninho em mãos, uma decisão: precisava de um autógrafa. Mal terminou o pedido e três seguranças estavam a postos para expulsá-la. Mas um “thats ok” do alto dos quase dois metros do jogador parou a ação. O motivo da intervenção segue como um mistério, mas o resultado está no texto “A marca da pantera”.

Dorrit poderia ter usado primeira pessoa em suas narrativas, contado suas experiências

e impressões, mas nunca quis ser mais do que a notícia. Para quem assume esse “estilo de vida”, um Reconhecimento da Excelência do “Prêmio Gabriel García Márquez de Jornalismo”, que caiu em seu colo neste ano, a tira de sua zona de conforto. Bem, ossos do ofício.

Nascida na antiga Iugoslávia, Dorrit chegou ao Brasil aos 5 anos. Sua relação com o país foi de idas e vindas. A primeira partida, então, foi aos 17 anos, quando decidiu cursar letras no exterior — parte na Alemanha, parte na França. Considerada apátrida, retornou ao Brasil no fatídico ano de 1964 para se naturalizar, processo que demorou





mais do que o esperado, pois o documento tinha que ser assinado pelo presidente da República em pleno ano do golpe. Nesse meio tempo, passou a dar aulas de francês. Quando a naturalização finalmente chegou, retornou aos estudos.

HISTÓRIA

De modo unânime, o Conselho Reitor do Prêmio GGM ressaltou a capacidade da profissional para “encontrar ângulos e aspectos que outros jornalistas deixam passar e para transportar o leitor até minuciosos e interessantes detalhes”. A constatação segue para além dos muros do conselho.

“Ela é escrava da informação, da apuração. E faz sem exhibir isso. Como também na vida, é uma pessoa muito discreta. Ela me irrita, porque somos amigos e eu vivo me exibindo e ela vive se escondendo. Por isso que a gente se dá tão bem”, conta seu amigo de longa data, o jornalista e escritor Zuenir Ventura.

As raízes de seu rigor com os fatos podem estar lá em 1968, quando começou sua carreira como pesquisadora na revista *L'Express*, em Paris. A área de pesquisa do veículo equivalia a uma pré-reportagem – algo extremamente raro nos dias de hoje. Na mesma época, Roberto Civita, Mino Carta e Paulo Henrique Amorim tinham em mente criar uma revista no Brasil e fizeram um giro pelas principais publicações semanais do mundo para ter ideia de como começar.

Ao chegarem na *L'Express*, um sopro: “olha, temos uma brasileira aqui”. Foi simplesmente assim, com um comentário jogado ao acaso, que Dorrit foi apresentada aos futuros criadores da revista *Veja*. O convite para que se juntasse a eles na empreitada surgiu ao longo de um almoço, mas como não havia planos para retornar ao Brasil, ficou por isso mesmo.

"DORRIT
PODERIA
TER USADO
PRIMEIRA
PESSOA
EM SUAS
NARRATIVAS,
CONTADO SUAS
EXPERIÊNCIAS E
IMPRESSÕES"

O projeto *Veja*, enfim, saiu do papel e o convite foi reforçado. “Vamos abrir a *Veja* em setembro. Estamos contando com você”, disse J. R. Guzzo, nome forte da Abril. O tal “Maio de 1968”, greve geral que se estabeleceu na França e tomou proporções revolucionárias, pesou para a jovem pesquisadora. Sem pensar muito, pegou um avião rumo a São Paulo.

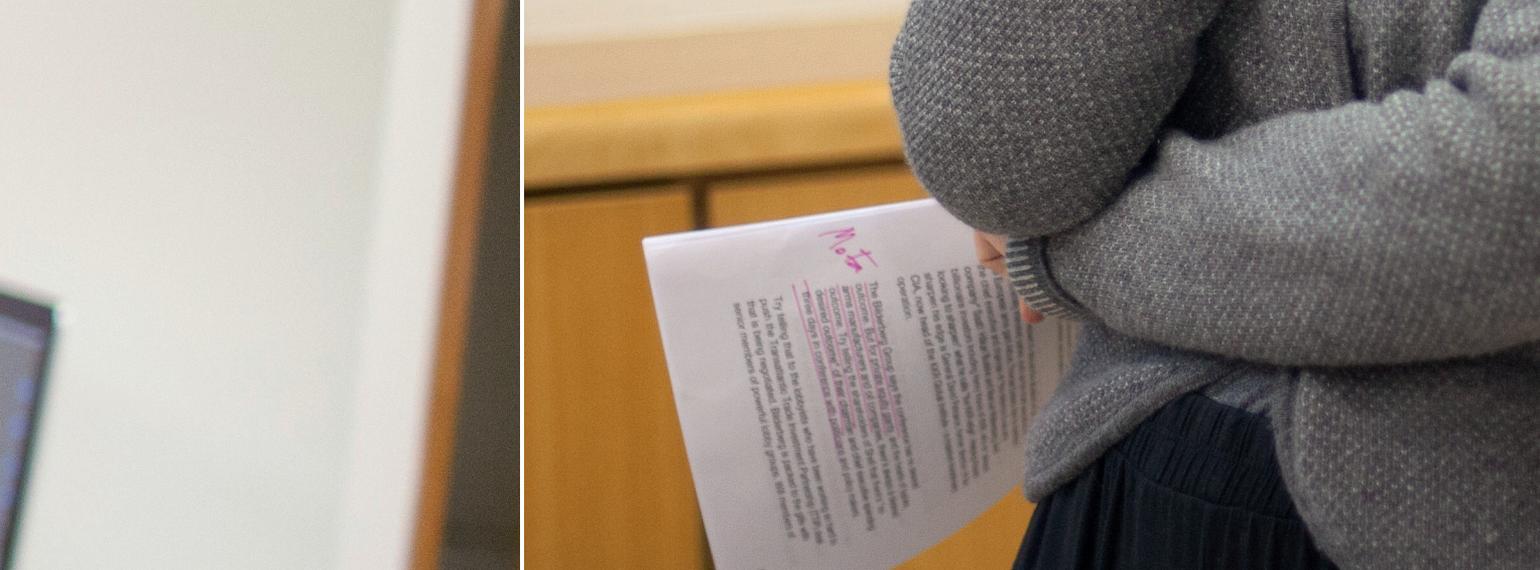
A Marginal Pinheiros quase não tinha prédios, impensável hoje, mas já se via a imponente Abril. O andar de *Veja* parecia um formigueiro. Jovens de todo o país participavam de uma seleção para poder fazer parte da nova publicação. Se seus ingressos eram incertos, o lugar de Dorrit estava garantido. Foi o começo de várias “encarções” no veículo.

ONIPRESENÇA

As guerras do Vietnã, do Camboja, o golpe militar no Chile, a primeira guerra do petróleo nos Emirados Árabes, o atentado terrorista aos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001, quatro eleições norte-americanas e o casamento do príncipe Charles com Lady Diana fizeram parte de suas inúmeras coberturas internacionais.

A repórter participou de todas as edições dos Jogos Olímpicos desde 1980, em Moscou, até Londres, em 2012. Foi por causa do esporte, aliás, que Maurício Cardoso e Dorrit se aproximaram. Atual diretor-executivo do ConJur, Cardoso foi repórter de *Veja* em duas fases. Já de cara, os dois ganharam um “Prêmio Esso” pela cobertura da Olimpíada de Los Angeles (1984).

“Ela fez grandes reportagens em esportes e de alguma maneira criou alguns personagens. Revelou o [ex-corredor dos 800 metros] Joaquim Cruz, que era um cara pouco conhecido ainda”, destaca. Com orientação da profissional, o jornalista se lembra de algumas das matérias realizadas,



como o porquê de o Brasil ser o país do futebol. “Procuramos aspectos antropológicos. As crianças que nasciam e ganhavam uma bola como presente. Sua grande virtude é essa capacidade. Dorrit não era uma pessoa fanática por algo, mas pela informação. Ela via coisas que quem estava no meio às vezes deixava passar batido”, diz Cardoso.

Mas nenhum jornalista é imune à temida barbigada. E não foi diferente com Dorrit. Ela fez parte da equipe editorial de *Veja* que deixou passar o tão famoso caso Boimate. A notícia falsa foi publicada em 1983, afirmando que cientistas alemães tinham criado um ser híbrido do boi com o tomate. O artigo foi publicado com base em um texto da revista britânica *New Scientist*, uma piada feita no Dia da Mentira. O veículo pediu desculpas aos leitores pelo “lastimável equívoco”. E vida que segue.

Evidentemente, o deslize se perde no meio dos acertos. Um deles mostra como a jornalista conquistou Mick Jagger, Keith Richards, Charlie Watts e Ron Wood. Há vinte anos, o Brasil estava prestes a receber, pela primeira vez, os superstars The Rolling Stones. A etapa anterior era no México e Dorrit estava lá.

Como a entrevista seria no dia seguinte, aproveitou a “folga” para visitar as pirâmides. Na volta do passeio, avistou o carro dos artistas a caminho. Sem pestanejar, deu meia-volta. Eles não queriam ser reconhecidos, então tentavam despistar os fãs. De longe, Dorrit observou e tomou nota de tudo. No grande dia, percebeu que cada repórter tinha direito a uma média de cinco minutos e a ordem da entrevista começava pelo integrante “low profile”, colocando Jagger quase que como missão impossível.

Vestida como uma inglesa, a primeira pergunta sobre o desempenho de um deles nas pirâmides já chamou atenção, totalmente fora

**"NÃO ERA
UMA PESSOA
FANÁTICA
POR ALGO,
MAS PELA
INFORMAÇÃO.
ELA VIA
COISAS QUE
QUEM ESTAVA
NO MEIO ÀS
VEZES DEIXAVA
PASSAR
BATIDO"**

do script. Questionaram “mas você estava lá?” Prontamente, disse que sim, mas como não estava a trabalho e não queria falar com ninguém, imaginou que eles também não. A atitude deu um “clique” na cabeça dos Rolling Stones e a conversa fluiu — falando desde poesias até qual camisa Richards deveria vestir.

LAÇOS

Dorrit e Zuenir se conheceram em 1969, quando fizeram juntos uma série de reportagens sobre os anos 1960 para a Editora Abril. Em quase cinquenta anos de amizade, o escritor se lembra de um episódio específico. Quando Vladimir Herzog foi assassinado, em outubro de 1975, pairava um clima de terror e Zuenir ficou sem saber o que fazer e com medo de ir ao enterro.

“Resolvi ligar para ela. E com aquele tom de voz, que nunca se exalta, ela deu sua opinião. Que foi mais ou menos essa: ‘acho que você deveria ir. É arriscado, sim, mas ele era seu amigo e gostaria de te ver no enterro’. Essa é a Dorrit. Ela tem sido para mim um modelo essencial na profissão e na vida. Sem retórica ou exaltação, sem ênfase ou arroubos, ela é discreta e firme em suas decisões.”

Os dois, mais com um grupo de amigos, entre eles o jornalista Marcos Sá Correa, se reuniram para trocar algumas ideias. Foi o caso da revista eletrônica No.com. “Foi um projeto que deve tudo ao Marcos e as pessoas se engajaram por causa dele. Eu não sabia o que era internet, mas como era o Marcos que estava me convidando, fui sem nem saber”, ressalta Zuenir.

Também ao lado de Correa, do documentarista João Moreira Salles e de Mario Sergio Conti, a patota de Dorrit fundou a *Piauí*. *Veja* e *Piauí*. Dois nomes que pesam na história da jornalista. Mas ao contrário do primeiro “filho”, esse já nasceu com um plano e com a certeza do que



queriam e não queriam fazer. A apuração irrepreensível foi um dos principais critérios. Não queriam seções fixas, entrevistas “ping-pong” ou fotografia convencional. Durante seis anos, nem reunião de pauta existiu por lá.

Sua elegância não se restringe apenas ao modo de se apresentar, à voz terna ou ao riso contido, mas é marca de seus textos. Em suas colunas em *O Globo* e na revista *ZUM*, Dorrit propõe pegar na mão do leitor e levá-lo para além do conhecido, longe de tudo que é lugar-comum.

“Dorrit é uma equação editorial tão simples quanto sofisticada: encanta e conduz o leitor à reflexão com um texto de leitura fácil e prazerosa, sem deixar que ele perceba dificuldades naturais do trabalho de repórter como incertezas sobre sua percepção, no levantamento de informações e nos passos seguintes, checagem, crítica e autocrítica, escrita e reescrita, até o minuto final do prazo de entrega, rigorosamente cumprido”, diz José Casado, colunista de *O Globo* e que por muito tempo, como coordenador de opinião, recebeu seus textos e dos demais articulistas.

Eis um exemplo que soluciona tal equação. Em um de seus artigos, publicado em setembro de 2013, 48 horas depois que o repórter Seymour Hersh expôs evidências de erros e omissões na versão da Casa Branca sobre a operação de caça a Bin Laden, Dorrit foi buscar a visão de um leitor informado, indignado e exigente que, dois anos antes, escrevera um comentário de pouco mais de setenta palavras para uma seção de cartas do *New York Times*.

“O júbilo com a morte do assassino de massas mais procurado é compreensível, mas terá sido um ato de autodefesa justificável ou foi um assassinato ilegal premeditado? Decisões extrajudiciais secretas baseadas em considerações políticas ou militares minam a democracia. O público tem direito de saber a verdade toda”, questionava o leitor.

“A voz de Benjamin Ferencz fará falta. Ele só costuma falar quando tem algo a dizer. Na noite de 2 de maio de 2011 o jurista aposentado deve ter sido um dos poucos a não comemorar com o presidente Barack Obama e o resto do país a audaciosa operação de um grupo de elite Seals que liquidou com Osama Bin Laden em Abbottabad, no Paquistão”, discorria em sua coluna.

“Sim, infelizmente Dorrit Harazim tem um defeito: só é possível encontrá-la uma vez por semana. É sempre aos domingos, em *O Globo*”, lamenta Casado. ■